

Maternidade sem romantismos: alguns olhares sobre as maternidades e os sujeitos-mãe na contemporaneidade

Maternidad sin romantismos: algunas miradas sobre las maternidades y los sujetos madre en la contemporaneidad

Maternity without romanticisms: some glances about maternity and the mother subjects in the contemporary world

Jéssica Lauxen¹

Raquel Pereira Quadrado²

Resumo

Para este trabalho, que teve como objetivo analisar os significados de maternidades e sujeitos mãe presentes na postagem desafio da maternidade real (#desafiodamaternidadereal) realizada no site de rede social Facebook, realizamos uma análise deste desafio que surgiu em fevereiro de 2016, o qual gerou intensos debates a respeito do exercício da maternidade. A proposta foi lançada por uma internauta em resposta ao desafio da maternidade (#desafiodamaternidad), no qual mães eram convidadas a realizar postagens de momentos felizes com suas/seus filhas/os, escrevendo os motivos pelos quais eram felizes sendo mães. A internauta realizou um novo movimento, escrevendo o que, para ela, era o lado ruim da maternidade, o qual ninguém falava. Realizamos uma análise dos comentários da postagem original, considerando os comentários mais curtidos, e categorizando-os por semelhanças. Assim, destacamos primeiramente a enorme repercussão gerada por um discurso que rompe com o discurso moderno da maternidade. Alguns dos significados de maternidade que se sobressaem nos comentários fazem parte de um discurso hegemônico sobre ser mãe, como: maternidade como benção de Deus, boa mãe é a que amamenta, a mãe que não se enquadra no discurso romântico sofre de depressão pós-parto, entre outros significados que serão apresentados no trabalho. Entendemos que este trabalho apresenta relevância no campo dos estudos culturais e de gênero, por ser a maternidade uma das formas de maior desigualdade entre os gêneros, sendo uma necessidade política discuti-la, entendendo-a como uma construção histórica e social.

Palavras-Chave: Gênero; Maternidades; Facebook.

Resumen

Para este trabajo, que tuvo como objetivo analizar los significados de maternidades y sujetos madre presentes en el post desafío de la maternidad real (#desafiodamaternidadereal) realizada en el sitio de red social Facebook, realizamos un análisis de este desafío que surgió en febrero de 2016, el cual generó intensos debates sobre el ejercicio de la maternidad. La propuesta fue lanzada por una internauta en respuesta al desafío de la maternidad (#desafiodamaternidad), en el cual las madres eran invitadas a realizar posturas de momentos felices con sus / sus hijas / os, escribiendo los motivos por los cuales eran felices siendo madres. La internauta realizó un nuevo movimiento, escribiendo lo que para ella era el lado malo de la maternidad, el cual nadie hablaba. Realizamos un análisis de los comentarios de la entrada original, considerando los comentarios más curtidos, y categorizándolos por similitudes. Así, destacamos primero la enorme repercusión generada por un discurso que rompe con el discurso moderno de la maternidad. Algunos de los significados de maternidad que sobresalen en los comentarios forman parte de un discurso hegemónico sobre ser madre, como: maternidad

¹ (Mestranda no PPG em Educação em Ciências; Universidade Federal do Rio Grande - FURG; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil, jessica.lauxen@hotmail.com).

² (Doutora em Educação em Ciências; orientadora no PPG em Educação em Ciências e no PPG em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil, raquelquadrado@hotmail.com).

como bendição de Deus, boa mãe é a que amamenta, a mãe que não se enmarca no discurso romântico sofre de depressão pós-parto, entre outros significados que serão apresentados no trabalho. Entendemos que este trabalho apresenta relevância no campo dos estudos culturais e de gênero, por ser a maternidade uma das formas de maior desigualdade entre os gêneros, sendo uma necessidade política discutí-la, entendendo-a como uma construção histórica e social.

Palavras-chave: Gênero; Maternidades; Facebook.

Abstract

For this work, which aimed to analyze the meanings of maternity and mother subjects present in the challenge of real motherhood (#desafiadamaternidadereal) held on the social networking site Facebook, we conducted an analysis of this challenge that emerged in February 2016, which generated intense debates about the exercise of motherhood. The proposal was launched by an Internet user in response to the challenge of motherhood (#desafiadamaternity), in which mothers were invited to post happy moments with their daughters, writing the reasons why they were happy being mothers. The surfer realized a new movement, writing what, for her, was the bad side of motherhood, which nobody spoke about. We did an analysis of the comments of the original post, considering the most tanned comments, and categorizing them by similarities. Thus, we first highlight the enormous repercussion generated by a discourse that breaks with the modern discourse of motherhood. Some of the meanings of motherhood that stand out in the comments are part of a hegemonic discourse about being a mother, such as: motherhood as God's blessing, good mother is the one who breastfeeds, the mother who does not fit the romantic discourse suffers from postpartum depression, among other meanings that will be presented in the work. We understand that this work has relevance in the field of cultural and gender studies, since maternity is one of the most inequitable forms between genders, and it is a political necessity to discuss it, understanding it as a historical and social construction.

Keywords: Gender; Maternities; Facebook.

1. Introdução

Este trabalho faz parte da pesquisa de mestrado intitulada “Não é normal eu não amar meu filho”: uma análise sobre as representações contemporâneas de maternidade em duas instâncias midiáticas”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – PPGEC, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Parte das análises deste desafio foi apresentada no 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, realizado na ULBRA, na cidade de Canoas – RS, em junho de 2017, e publicado nos anais do evento.

Nossa busca é por problematizar os modos de exercer a maternidade e seus significados, considerando-a como construção histórica e social, sendo entendida de diferentes maneiras, de acordo com os tempos e possibilidades. Olhar a maternidade desta perspectiva é dificultoso, pois geralmente ser mãe está associado a um assunto considerado sagrado, as/os filhas/os são vistas/os como presentes de Deus. Entretanto, questionar o amor materno como instinto e as subjetividades femininas deste contexto se faz urgente e necessário, como um instrumento político na luta pela igualdade entre os gêneros.

Produzimos esta pesquisa a partir da perspectiva dos Estudos Culturais em seu viés pós-estruturalista, por considerar a importância da linguagem no processo de construção da significação. Silva (1996), coloca que, nesta perspectiva, a natureza da linguagem é

redefinida, não sendo vista como veículo neutro e transparente de representação, não estando centrada na presença de um “significado”, assim a linguagem é sempre indefinida, nunca capturando de forma definitiva qualquer significado.

Além disso, “a identidade problematizada pelo pós-estruturalismo é definida historicamente; essa perspectiva recusa a fixidez e valoriza a multiplicidade e a instabilidade como alguns dos elementos que caracterizam as identidades culturais.” (SABAT, 2012, p. 137). Nesse contexto, entendemos gênero como parte dos sujeitos, constituindo identidades que não são permanentes, que são múltiplas e construídas culturalmente. Louro coloca que “o feminino ou a feminilidade (bem como a masculinidade) se fazem, portanto, através da repetição de atos, gestos, modos; através da “estilização dos corpos”. (LOURO, 2017, p. 56). Junto com esta feminilidade “natural”, muitas vezes está associado o instinto maternal, como algo inerente a toda e qualquer mulher, já que aprendemos desde cedo modos de exercer a maternagem, assim, tornando-se uma aptidão do feminino.

Utilizamos este referencial para então problematizarmos as identidades maternas, as quais são construídas também por meio da linguagem. A maternidade começou a ser compreendida como construção social, designando o lugar das mulheres na família e na sociedade, a partir da publicação do livro de Simone de Beauvoir, o Segundo Sexo, em 1949. A crítica feminista passa a considerar a experiência da maternidade como elemento que explica a dominação de um sexo sobre outro.

Scavone (2001), discute a importância do conceito de gênero para se discutir a maternidade. Para a autora,

A perspectiva de gênero nos possibilitou abordar a maternidade em suas múltiplas facetas. Ela pôde ser abordada tanto como símbolo de um ideal de realização feminina, como também, símbolo da opressão das mulheres, ou símbolo de poder das mulheres, e assim por diante, evidenciando as inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo. (2001, p. 142).

A partir desta perspectiva, analisamos a repercussão do desafio da maternidade real e seus significados sobre maternidades. O desafio chegou ao Brasil em fevereiro de 2016, sob a proposta de mães compartilharem no *site* de rede social Facebook momentos felizes com suas/seus filhas/os, utilizando a *hashtag* desafio da maternidade (#desafiodamaternidade), e convidando mais três amigas a fazerem o mesmo. *Hashtags* são utilizadas com a palavra-chave do assunto que se deseja que vire um *hiperlink* nas redes sociais, fazendo assim com que outros usuários as utilizem como ferramenta de busca.

A polêmica surgiu quando Juliana Reis, autora do então novo desafio, recebeu o convite para participar, e decidiu romper com o que estava sendo publicado, postando um novo desafio, o desafio da maternidade real (#desafiodamaternidadereal). Neste desafio, a proposta de Juliana foi que as mães postassem os momentos difíceis da maternidade, os quais, segundo a autora, ninguém havia contado para ela.

Juliana postou uma montagem, com três fotos, em situações cotidianas com seu filho, que era recém-nascido³. Nas fotos ela aparece amamentando seu filho e fazendo-o dormir, aparentando estar muito cansada. Acompanhando a montagem, ela escreve um texto relatando suas dificuldades, dizendo se recusar a ser mais uma ferramenta para iludir as mulheres de que a maternidade é um mar de rosas, e que as mulheres não nascem programadas para viver tudo o que a maternidade exige (REIS, 2016).

Como fazendo parte de todo um controle que envolve a maternidade e suas práticas, “torna-se aconselhável que o indivíduo, quando na condição de sujeito-mãe, meça também suas palavras (expressadas em voz alta) e seus gestos. Como presente nessa ordem do discurso, tal sujeito não pode falar qualquer coisa, em qualquer lugar, a qualquer momento.” (MARCELLO, 2005, p. 141). Juliana aparece como alguém que rompe com a lógica romantizada da maternidade, por isso a enorme repercussão gerada em sua página na rede social, pois ela não faz o discurso hegemônico já esperado pela sociedade.

Este movimento, que começou a ser visibilizado mais intensamente no Brasil a partir deste desafio, vem aparecendo em diferentes mídias, sendo denominado como maternidade desromantizada, pois rompe com a lógica moderna de instinto maternal como um sentimento inerente a toda e qualquer mulher. Badinter, coloca que:

Quanto a mim, estou convencida de que o amor materno existe desde a origem dos tempos, mas não penso que exista necessariamente em todas as mulheres, nem mesmo que a espécie só sobreviva graças a ele. Primeiro, qualquer pessoa que não a mãe (o pai, a ama, etc.) pode "maternar" uma criança. Segundo, não é só o amor que leva a mulher a cumprir seus "deveres maternos". A moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe. (BADINTER, 1985, p. 17).

A autora defende que o amor materno não é um sentimento universal, igual em todas as mulheres, e sim um sentimento que se adquire, como qualquer outro. Assim, há a urgência de discutirmos estas diferentes formas de exercer a maternidade, pois esta é um dos marcadores mais fortes do gênero feminino, que responsabiliza a mulher pela geração da vida e por todos os cuidados que envolvem um bebê.

³Disponível em: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>. Acesso em: 19/12/2017.

2. Objetivo

Analisar os significados de maternidades e sujeito mãe presentes na postagem desafio da maternidade real (#desafiadamaternidadereal), realizada no *site* de rede social Facebook.

3. Metodologia

Para esta análise, utilizamos as ferramentas da análise cultural. Selecionamos os comentários mais relevantes, considerando quais eram mais curtidos e comentados pelas/os usuários da rede social Facebook. Este critério foi adotado por considerarmos que as curtidas podem representar o que a/o leitora/leitor considera ser verdade, vindo a se identificar com o que é lido. Ao todo, até o dia 16 de outubro de 2017, a postagem contava com 2.744 comentários, 21.921 compartilhamentos e mais de 120 mil curtidas.

A análise cultural está ancorada aos Estudos Culturais, os quais dão outro caráter ao que se entende por cultura. Rocha *et al* salienta:

A concepção de cultura que ancora a perspectiva dos Estudos Culturais a constitui como o terreno de luta pelos significados. Desse modo, configuram-se uma inter-relação entre comunicação e cultura fundamentada numa concepção segundo a qual os processos culturais são processos de produção de sentidos inseridos em contextos sociais determinados. (ROCHA *et al.*, 2010, p. 03).

Entendemos o *site* de rede social Facebook como um produtor de sentidos com as postagens realizadas por seus/suas usuários/as. Sibilia (2009), fala que o Facebook, juntamente com outras redes sociais, passa a transformar o mundo, e a derrubar as fronteiras do privado e do público, já que na atual “sociedade do espetáculo” o sujeito só é o que se vê. É partindo desta premissa que consideramos o Facebook como uma prática social potente para ser explorada.

4. Resultados

Com relação aos significados sobre maternidades, neste trabalho destacaremos alguns dos mais relevantes. Primeiramente, aparece a maternidade como benção divina, estando fortemente associada ao campo religioso. Para Vásquez,

Não há meio para se debater a maternidade sem entender como sua construção histórico-social foi elaborada e, para tanto, a análise sobre o uso da mãe virgem e pura, Maria, é fundamental. Esta representação religiosa é fundante para a cultura ocidental do ideal de maternidade e, desta forma, foi a figura de Maria que ajudou a consolidar um estereótipo de maternidade e de feminilidade. (2014, p. 169).

Assim, temos uma idealização religiosa da maternidade, sendo a mulher cobrada por exercer o papel de mãe que cuida acima de qualquer circunstância, afinal, ela recebeu um “presente de Deus”, ao gerar um/a filho/a. O ideal cristão do exercício da maternidade compreende que as mães devem sacrificar suas vidas e desejos pelo bem-estar das/dos filhas/os, uma atitude que acaba sendo naturalmente esperada pela sociedade.

Em um *site*⁴ referente a consagração e a devoção à Santíssima Virgem Maria, essa adoração da igreja católica é evidenciada através de como a maternidade da Virgem Maria é exaltada. No texto é colocado que na Virgem Maria a feminilidade e a maternidade se realizam plenamente, pois Ela “é espelho da mulher, pois nela se encontra o verdadeiro projeto do Pai em relação às Suas filhas. A sua maternidade, o seu ser esposa e o seu ser filha completam o ser feminino de Maria, e representam tudo o que a mulher pode ser”. (ARQUEJADA, 2012, p. 36).

Assim, a mulher só estaria completa quando fosse mãe, a maternidade aparece como algo esperado por todas as mulheres. Ueda coloca:

A Virgem Maria é a primeira Igreja, o primeiro templo vivo de Deus, por isso, ela não é somente espelho para a mulher, mas também para toda a Igreja. Pois, a vocação materna da Mãe de Deus, o seu ser esposa e Mãe, que completam seu ser feminino, nos ajuda a compreender que também a Igreja é chamada a ser esposa e mãe. Da mesma forma que, para a mulher, a maternidade é a plenitude do seu ser feminino, podemos dizer que, pelo fato da Igreja ter nascido feminina em Maria, o mistério da feminilidade eclesial se manifesta e se revela, em toda a sua profundidade, mediante a maternidade, na geração dos filhos de Deus. (UEDA, 2014).

Entrelaçado a isso, outro significado sobre a maternidade que apareceu em um número significativo de postagens é o amor materno como inerente a toda e qualquer mulher, um sentimento que deve estar presente desde a descoberta da gestação. Juliana, a autora do post, ao declarar que odeia ser mãe - palavras escritas por ela mesma - é vista como uma pessoa doente, e por vezes é diagnosticada pelos/as próprios/as usuários/as do Facebook como uma pessoa que sofre de depressão pós-parto. Badinter, fala sobre esta admissão de um não amor pela maternidade pelas mães:

Umam encontram nela uma felicidade e um benefício identitário insubstituíveis. Outras conseguem de alguma forma conciliar exigências contraditórias. Outras, finalmente, jamais confessarão que não conseguem, e que a maternidade delas é um fracasso. De fato, nada é mais inconfessável em nossa sociedade do que essa declaração. Reconhecer que se enganou, que não era feita para ser mãe, e que obteve

⁴ Disponível em: <https://blog.cancaonova.com/tododemaria/maria-o-feminino-e-a-maternidade/>. Acesso em: 19/12/2017.

com isso poucas satisfações faria de você uma espécie de monstro irresponsável. (BADINTER, 2011, p. 23).

A autora, neste trecho de seu livro, contribui para entendermos como Juliana foi vista por muitas/os internautas que comentaram em sua publicação, pois esta mãe foi amplamente criticada, tendo até mesmo sua conta retirada do Facebook pela própria empresa dona deste *site* de rede social, a qual não veio a explicar os motivos desta decisão, segundo Juliana. Entretanto, provavelmente a retirada da conta deve ter sido pelas inúmeras denúncias que foram feitas pelas/os outras/os usuárias/os da rede.

Evidencia-se, nessa discussão, a dificuldade em aceitar um modelo de maternidade que foge da lógica moderna, a qual impõe o amor materno como natural. Badinter escreve:

Na verdade, não existem dois modos de viver a maternidade, mas uma infinidade, o que impede de falar de um instinto baseado no determinismo biológico. Este depende estritamente da história pessoal e cultural de cada mulher. Embora ninguém negue a imbricação entre natureza e cultura, nem a existência dos hormônios da maternagem, a impossibilidade de definir um comportamento materno próprio à espécie humana enfraquece a noção de instinto e, com ela, a de “natureza” feminina. O meio, as pressões sociais, o itinerário psicológico parecem sempre pesar mais do que a frágil voz de “nossa mãe natureza”. Podemos lamentar ou nos felicitar, mas a mãe humana não tem senão um vínculo muito distante com sua prima primata. (BADINTER, 2011, p. 70).

Também há que se destacar a intensa responsabilização da mulher pela prevenção da gravidez. Inúmeros eram os comentários, principalmente escritos por outras mulheres, que julgavam apenas a mãe pela decisão, ou não, de uma gravidez, não questionando em nenhum momento a responsabilidade do homem neste caso. Também não foi questionado pelas pessoas se o pai está ou não participando nos cuidados com o recém-nascido, pois “naturalmente” esta é uma responsabilidade materna.

Para Badinter, a psicanálise impôs a necessária distinção dos papéis entre pai e mãe: "aos olhos de Freud e de seus sucessores, a mãe simboliza antes de tudo o amor e a ternura, e o pai, a lei e a autoridade. Mas, se não se cessou de falar sobre o devotamento materno, pouco se mencionou o papel cotidiano do pai" (1985, p. 314). Assim, a teoria psicanalítica faz parte da construção cultural e social da maternidade.

Por último, destacamos o significado a respeito da amamentação, presente nos comentários, pois Juliana relatou sobre a dificuldade e a dor em amamentar seu filho. Muitos foram os comentários que julgavam a autora neste sentido, pois, a amamentação geralmente é vista como um momento tranquilo e que acontece “naturalmente”, constituindo um momento em que a mãe necessita transmitir amor a/ao filha/o.

Badinter (2011), coloca ser o aleitamento que está no cerne da revolução materna, expressando uma filosofia da maternidade que condiciona a situação da mulher e seu papel na sociedade. Se, em 1970, o aleitamento materno é trocado pelas mamadeiras, hoje há uma inversão. Para a autora, essa tendência deve-se principalmente à militância e à notável estratégia de uma associação de mães americanas, a *La Leche League* (LLL).

Esta associação desenvolve sua argumentação em torno de quatro temas principais: a autoridade moral da natureza, as vantagens do aleitamento, a condição da mulher e a reforma moral da sociedade. A associação defende um aleitamento materno prolongado, bom para a saúde, e que solidifica a relação com a mãe. Divulgam listas com numerosos benefícios tanto para a mãe quanto para a criança. A associação faz intensas divulgações sobre os benefícios da amamentação, como também a divulgação em suas campanhas de mandamentos em tons científicos e bíblicos que divulgam as regras para as mães. A LLL é uma *ONG* que trabalha voluntariamente em prol da amamentação em diversos países. No Brasil, possui um *site*⁵ e uma página no Facebook⁶.

Badinter, após apresentar dados sobre a amamentação, conclui em tom irônico: “todas as mães podem amamentar, não há nenhuma dificuldade, física ou psíquica, que não possa ser superada. A ambivalência materna não existe, e aquelas que têm má vontade em se submeter são inconscientes e mães más.” (BADINTER, 2011, p. 98). A autora segue e questiona sobre o aleitamento:

Esse hino à boa natureza deixa em suspenso várias questões. Se o aleitamento é o fator desencadeador do apego materno, o que acontece com aquelas que amamentam na maternidade e param assim que saem de lá, ou algumas semanas depois? O que é o caso mais frequente hoje em dia em numerosos países ocidentais. Se o aleitamento é essa plenitude induzida pela biologia, por que tantas mães não desejam dar prosseguimento à experiência, pelo menos até o fim da licença-maternidade? (BADINTER, 2011, p. 69).

Novamente Badinter questiona o fator biológico como exclusivo nas determinações das regras maternas. Estes são apenas alguns dos significados a respeito da maternidade e do sujeito mãe que aparecem na postagem do desafio maternidade real. Certas de que muito ainda tem por se pesquisar e discutir, seguiremos o caminho da pesquisa.

⁵ Disponível em: <http://www.llli.org/brasil.html>. Acesso em: 19/10/2017.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/La-Leche-League-Brasil-663534887139373/>. Acesso em: 19/10/2017.

5. Conclusões

Considerar a maternidade como construção histórica e social se faz uma necessidade política na luta pela igualdade entre os gêneros. Por ser um dos mais fortes constituintes da identidade feminina, a maternidade impõe muitas regras para as mulheres, regras estas que são construídas culturalmente, através de, principalmente, discursos científicos e religiosos, os quais pesam muito em nossa sociedade contemporânea.

Problematizar a história da maternidade e dos cuidados maternos, entendendo este processo como algo não natural, e sim construído através dos tempos e de diferentes possibilidades e exigências, provoca outras maneiras de se pensar e vivenciar este processo, pois rompe com o discurso hegemônico da maternidade, o qual é amplamente divulgado pelas mídias, que se apresentam como educadoras em nossa sociedade – incluindo, claro, o *site* de rede social Facebook.

É importante dar visibilidade a este movimento que vem sendo chamado de maternidade sem romantismos, pois este é um movimento de descontinuidade, de ruptura com o que nos é ensinado sobre ser mãe, mostrando que há outras possibilidades de vivenciar este processo de outras formas. Olhar as diferentes possibilidades de maternidades através da perspectiva pós-estruturalista é uma questão central nas disputas femininas e na luta pela igualdade entre os gêneros.

Referências

- ARQUEJADA, Sandro. **Maria: humana como nós**. São Paulo: Canção Nova, 2012. p. 36.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011. 222 p.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370 p.
- BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980. 309 p.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim. Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. **Revista Brasileira de Educação**, Porto Alegre, v. 1, n. 29, p.139-151, maio 2005. Quadrimestral.
- LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 127 p.
- REIS, Juliana. **Desafio NÃO aceito!** 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>>. Acesso em: 16 out. 2017.

ROCHA, Simone et al. Os estudos culturais e os entrelaçamentos entre comunicação e cultura: uma análise do filme *Cão sem dono*. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens Universidade Tuiuti do Paraná**, Curitiba, v. 1, n. 9, p.1-14, 2010.

SABAT, Ruth Francini Ramos. “Só as quietinhas vão casar”. In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. (Org). **Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 135 - 144.

SCAVONE, Lúcia. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 16, p. 137-150, 2001.

SIBILIA, Paula. 2009. **O espetáculo do eu**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/o_espetaculo_do_eu.html>. Acesso em: 16 dez. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. "O adeus às metanarrativas educacionais". In: _____. (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, p.247-258. 1996.

VÁSQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 3, n. 6, p.167-181, jan. 2014. Semestral.

UEDA, Natalino. 2014. **Maria, o feminino e a maternidade**. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/tododemaria/maria-o-feminino-e-a-maternidade/>>. Acesso em: 16 dez. 2017.